

Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil

Mary Sandra Carlotto
Sheila Gonçalves Câmara
ULBRA/Canoas

RESUMO

O presente estudo objetivou analisar a produção científica brasileira sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. Para tanto, procedeu-se à busca bibliográfica nas bases de dados eletrônicas BVS, IndexPsi e Pepsic em março de 2007. Foram utilizadas as palavras-chave *Síndrome de Burnout*, *Burnout*, *Síndrome do esgotamento profissional*. Dessa busca, foram extraídos resumos e classificados de acordo com as categorias: revisão teórica, relato de pesquisa e validação de instrumento. Foram identificados 27 artigos, sendo a maioria pertencente à categoria relato de pesquisa. As categorias profissionais mais investigadas são as de professores e profissionais da saúde, sendo as publicações realizadas em revistas de psicologia e os anos de maior produção foram os de 2002 e 2005.

Palavras-chave: Síndrome de Burnout; avaliação psicológica.

ABSTRACT

Analysis of the scientific production about the Burnout Syndrome in Brazil

The following study aimed to analyze the Brazilian scientific production about Burnout Syndrome in Brazil. For such, a bibliographic search was made in the BVS electronic data basis, as well as, IndexPsi and Pepsic on March 2007. The key words *Burnout Syndrome*, *Burnout*, *professional debility Syndrome* were used. From this search, summaries and classified (adds) were extracted according with the categories: theoretical review, research report and instrument validation. 27 articles were identified, being most of them belonging to the category research report. The most investigated categories are teachers and health professionals, being the accomplished publications in psychology magazines and the most productive years were 2002 and 2005.

Keywords: Burnout Syndrome; Psychologic evaluation.

RESUMEN

El análisis de la producción científica brasileña sobre el Síndrome de Burnout en Brasil

El objetivo del presente estudio fue analizar la producción científica brasileña sobre el Síndrome de Burnout en Brasil. Para ello realizaron-se búsquedas bibliográficas en las bases de datos electrónicas BVS, IndexPsi y Pepsic en marzo de 2007. Fueron utilizadas como palabras clave *Síndrome de Burnout*, *Burnout*, *Síndrome de esgotamiento profesional*. Con esa búsqueda, se obtuvieron los resúmenes que fueron clasificados según las categorías: revisión teórica, presentación de informes y validación de instrumentos. Se han identificado 27 artículos, siendo la mayor parte perteneciente a la categoría de relato de investigación. Las categorías profesionales más investigadas son la de profesores y profesionales de la salud. Las publicaciones mayoritariamente están en los periódicos de psicología y la mayor producción fue entre los años de 2002 a 2005.

Palabras clave: Síndrome de Burnout; evaluación psicológica.

INTRODUÇÃO

O termo Burnout foi inicialmente utilizado em 1953 em uma publicação de estudo de caso de Schwartz e Will, conhecido como 'Miss Jones'. Neste, é descrita a problemática de uma enfermeira psiquiátrica desiludida com o seu trabalho. Em 1960, outra publicação foi realizada por Graham Greene, denominada de 'A burn Out Case', sendo relatado o caso de um arquiteto que abandonou sua profissão devido a sentimentos de desilusão com a profissão. Os sintomas e sentimentos descritos pelos dois profissionais são os que se conhece hoje como Burnout (Maslach e Schaufeli, 1993).

No entanto, foi somente em meados dos anos 70 que Burnout chamou a atenção do público e da comunidade acadêmica americana. Segundo Farber (1983), essa questão emergiu devido a um conjunto de fatores

econômicos, sociais e históricos. Trabalhadores americanos começaram a buscar trabalhos mais promissores distantes de suas comunidades na tentativa de conquistar maior satisfação e gratificação no seu trabalho. Nesses novos mercados, o trabalho geralmente era mais profissionalizado, burocratizado e isolado. A combinação desses fatores produziu trabalhadores com altas expectativas de satisfação e poucos recursos para lidar com frustrações, ou seja, a base propícia para desenvolver o Burnout. Segundo Cherniss (1980), outros fatores também contribuíram para o aumento do Burnout. Um deles foi a tendência individualista da sociedade moderna, que ocasionou o incremento da pressão nas profissões de prestação de serviços. A pressão também ocorreu devido à percepção, não raras vezes equivocada, dos usuários dos serviços, que acreditavam que os profissionais de ajuda eram altamente treinados e competentes, possuíam um alto ní-

vel de autonomia e satisfação no trabalho, e que trabalhavam movidos pelo sentimento de compaixão. A sobrecarga funcional dos trabalhadores, resultante da redução de quadro e de custos governamentais, é outro aspecto apontado pelo autor.

Em 1974 o termo Burnout foi retomado por Herbert Freudenberger, médico psicanalista, que descreveu o fenômeno como um sentimento de fracasso e exaustão causado por um excessivo desgaste de energia e recursos. Complementou seus estudos entre 1975 e 1977, incluindo em sua definição comportamentos de fadiga, depressão, irritabilidade, aborrecimento, perda de motivação, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade (Freudenberger, 1974; França, 1987; Perlman e Hartman, 1982). Freudenberger e Richelson (1980) referem que, ao examinarem pessoas com Burnout, percebiam que havia uma combinação de más escolhas e boas intenções.

As primeiras pesquisas sobre Burnout são resultado de estudos sobre as emoções e formas de lidar com elas. Foram desenvolvidas com profissionais que, pela natureza de seu trabalho, necessitavam manter contato direto, freqüente e emocional com sua clientela, como os trabalhadores da área da saúde, serviços sociais e educação. Verificava-se nessas profissões, grande estresse emocional e sintomas físicos. Os estudos iniciais foram realizados a partir de experiências pessoais de alguns autores, estudos de casos, estudos exploratórios, observações, entrevistas ou narrativas baseadas em programas e populações específicas (Cordes e Dougherty, 1993; Leiter e Maslach, 1988; Maslach, Schaufeli e Leiter, 2001). Dos trabalhos publicados entre 1974 e 1981, segundo Perlman e Hartman (1982), apenas cinco tratavam do fenômeno com alguma evidência empírica. Foi somente a partir de 1976 que os estudos adquiriram um caráter científico, período no qual foram construídos modelos teóricos e instrumentos capazes de registrar e compreender este sentimento crônico de desânimo, apatia e despersonalização.

Christina Maslach, psicóloga social, pesquisadora da Universidade da Califórnia, foi quem entendeu primeiramente, através de estudos com profissionais de serviços sociais e de saúde, que as pessoas com Burnout apresentavam atitudes negativas e de distanciamento pessoal. Christina Maslach, Ayala Pine e Gary Cherniss foram os estudiosos que popularizaram o conceito de Burnout e o legitimaram como uma importante questão social (Farber, 1991). Nesta fase foi adotado o termo Síndrome de Burnout (SB). Sendo caracterizado nesse primeiro momento como uma resposta inadequada frente ao estresse crônico acompanhada de tédio e aborrecimento (Maslach, 1978). Em 1986, a autoras referiam-se ao Burnout como um pro-

cesso de perda gradual de responsabilidade e desinteresse que ocorria em trabalhadores de ajuda (Ortega e López, 2004).

O interesse por Burnout cresceu devido a três fatores. O primeiro deles foram as modificações introduzidas no conceito de saúde e o destaque dado a melhoria da qualidade de vida pela OMS – Organização Mundial da Saúde. O segundo foi o aumento da demanda e das exigências da população com relação aos serviços sociais, educativos e de saúde. E por último, a conscientização de pesquisadores, órgãos públicos e serviços clínicos com relação ao fenômeno, entendendo a necessidade de aprofundar os estudos e a prevenção da sua sintomatologia, pois a mesma se apresentava mais complexa e nociva do que se projetava nos estudos iniciais (Perlman e Hartman, 1982).

Na década de 80, pesquisas apresentaram resultados considerados alarmantes. Foram identificados sintomas em grupos profissionais que, até então, não eram percebidas como populações de risco; pelo contrário, por se tratarem de profissões denominadas ‘vocacionais’, acreditava-se que estes profissionais obtinham inúmeras gratificações, pessoais e sociais. Importantes perdas de recursos humanos e econômicos foram detectadas pelas organizações, principalmente educativas e de saúde, cujos trabalhadores apresentavam altos níveis de Burnout. Este resultado associava-se, principalmente, a ausências por doenças, fadiga, desilusão, absenteísmo e declínio da motivação (Delgado et al., 1993). Também foram encontrados resultados que mostravam a ocorrência de Burnout em pessoas com personalidades aparentemente ajustadas e equilibradas até entrarem em contato com determinados ambientes de trabalho.

Até os anos 80, Burnout foi investigado exclusivamente nos EUA. Gradualmente, o fenômeno passou a despertar o interesse de outros países de língua inglesa como Canadá e Inglaterra. Em seguida, com a tradução e adaptação do instrumento, outros países europeus passaram a desenvolver estudos sobre a síndrome (Maslach e Schaufeli, 1993).

Os avanços nos estudos da SB têm ocorrido na medida em que as questões metodológicas têm sido qualificadas desde a sua fase pioneira. Maslach e Schaufeli, (1993) observam que os progressos ocorreram devido a três questões: na medida adotada, uma vez que o MBI (Maslach Burnout Inventory) tem sido o instrumento utilizado pela maioria dos pesquisadores; nos estudos transnacionais; e nas investigações sobre o processo de desenvolvimento da síndrome.

De acordo com Maslach, Schaufeli e Leiter (2001), o que tem emergido na maioria das investigações é a definição de Burnout como um fenômeno psicossocial que ocorre como uma resposta crônica

aos estressores interpessoais ocorridos na situação de trabalho. “Burnout não é um problema do indivíduo, mas do ambiente social no qual ele trabalha” (Maslach e Leiter, 1997, p. 18).

A definição mais aceita atualmente fundamenta-se na perspectiva social-psicológica (Benevides-Pereira, 2002; Maslach e Jackson, 1981; Maslach e Leiter, 1997; Maslach e Golberg, 1998). Esta considera a síndrome como uma reação à tensão emocional crônica por lidar excessivamente com pessoas. É um construto formado por três dimensões relacionadas, mas independentes. Exaustão Emocional, caracterizada pela falta ou carência de energia e entusiasmo e sentimento de esgotamento de recursos. A estes sentimentos soma-se o de frustração e tensão, pois os trabalhadores passam a perceber que já não possuem condições de despendar mais energia para o atendimento de seu cliente ou demais pessoas como faziam anteriormente. A Despersonalização ocorre quando o profissional passa a tratar os clientes, colegas e a organização de forma distante e impessoal. O trabalhadores passam a desenvolver insensibilidade emocional frente às situações vivenciadas por sua clientela. A Baixa Realização no Trabalho é caracterizada pela tendência do trabalhador em se auto-avaliar de forma negativa. Ele torna-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional e experimenta um declínio no sentimento de competência e êxito. Burnout, segundo Ortega e López (2004), é um processo que se desenvolve sequencialmente, devendo suas três dimensões ser consideradas para caracterizar a síndrome.

Maslach e Schaufeli (1993) pontuam que nas definições já propostas para a SB, embora com algumas questões divergentes, todas ressaltam, no mínimo, cinco elementos comuns: (a) a predominância de sintomas relacionados à exaustão mental e emocional, fadiga e depressão; (b) ênfase nos sintomas comportamentais e mentais e não nos sintomas físicos; (c) os sintomas são relacionados ao trabalho; (d) manifestação em pessoas que não sofriam de distúrbios psicopatológicos antes do surgimento da síndrome; (e) diminuição da efetividade e do desempenho no trabalho decorrente de atitudes e comportamentos negativos.

A SB tem sido considerada um problema social de grande relevância e vem sendo investigada em diversos países, uma vez que se encontra vinculada a grandes custos organizacionais. Alguns destes custos devem-se a rotatividade de pessoal, absenteísmo, problemas de produtividade e qualidade e também por associar-se a vários tipos de disfunções pessoais, como o surgimento de graves problemas psicológicos e físicos podendo levar o trabalhador a incapacidade total para o trabalho.

As leis brasileiras de auxílio ao trabalhador já contemplam a SB. No Anexo II – que trata dos Agentes Patogênicos causadores de Doenças Profissionais – do Decreto nº3048/99 de 6 de maio de 1996 – que dispõe sobre a Regulamentação da Previdência Social –, conforme previsto no Art.20 da Lei nº 8.213/91, ao se referir aos transtornos mentais e do comportamento relacionado com o trabalho (Grupo V da CID-10), o inciso XII aponta a Sensação de Estar Acabado (Síndrome de Burn-Out, Síndrome do Esgotamento Profissional) (Z73.0) (Ministério da Saúde, (1999).

Embora pesquisas sobre Burnout tenham uma longa tradição na América do Norte e Europa, no Brasil ainda encontramos poucos estudos sobre essa temática. Segundo Benevides-Pereira (2003), encontra-se várias comunicações científicas e alguns artigos publicados sobre Burnout no Brasil, mas a produção nacional ainda é incipiente comparada com a internacional. A autora refere que a primeira publicação nacional sobre o tema foi realizada pelo médico cardiologista Hudson Hubner França em 1987, na Revista Brasileira de Medicina.

Na década de 90 surgem as primeiras teses e dissertações sobre o tema, assim como grupos de pesquisa no meio acadêmico, sendo que sua intensificação ocorreu após o ano de 2001. Atualmente existem 11 grupos de pesquisa sobre a SB cadastrados no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e 36 teses/dissertações cadastradas no banco da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Pelo exposto, esse estudo buscou verificar, considerando a produção científica nacional de publicações em periódicos, qual o estágio de conhecimento de Burnout no Brasil.

As pesquisas denominadas ‘estado da arte’ são definidas como de caráter bibliográfico e trazem em comum o desafio de mapear e de discutir a produção científica em diferentes campos do conhecimento. Buscam responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho (Ferreira, 2002).

MÉTODO

O processo de busca bibliográfica de publicações brasileiras foi realizado em março de 2007 nas bases de dados eletrônicas BVS, IndexPsi e Pepsic. As bases foram selecionadas de acordo com os critérios de

abrangência e acessibilidade. Foram utilizados os termos Síndrome de Burnout, Burnout e Síndrome do Esgotamento Profissional como palavras-chave para busca. Não foi estabelecido período, uma vez que a SB é um fenômeno de estudo recente no Brasil, podendo ser identificada na sua totalidade. Somente foram incluídos artigos publicados com amostras nacionais.

A partir do levantamento realizado, foram extraídos os resumos e posteriormente a busca do artigo em texto integral, segundo orientação de Megid, (in Ferreira, 2002). Para o autor, os resumos ampliam um pouco mais as informações disponíveis, porém, por serem muito sucintos e, em muitos casos, mal elaborados ou equivocados, não são suficientes para a divulgação dos resultados e das possíveis contribuições dessa produção.

Assim, após a identificação dos artigos, leitura e análise, foram estabelecidas como categorias: relato de pesquisa, revisão teórica e validação de instrumento. Também se buscou classificar a produção de acordo com o ano de publicação, população investigada ou abordada nas revisões teóricas e tipo de revista publicada, se específica da psicologia ou de áreas afins. As categorias foram compostas por meio da análise categorial (Clemente-Díaz, 1992).

RESULTADOS

A busca na base de dados permitiu recuperar 40 artigos com as palavras-chave descritas no método. No entanto, após análise detalhada do conteúdo do resumo e/ou artigo, foram excluídos 8 destes, pois não caracterizavam estudos sobre o tema. Destes, 05 apenas utilizavam o termo em outra temática e 03 usavam o termo como sinônimo de estresse. Também foram excluídos 05 outros estudos publicados em revistas brasileiras, mas com autores e populações estrangeiras. Assim, a totalidade da produção nacional levantada foi de 28 artigos, sendo a maior parte de relatos de pesquisa (Tabela 1).

TABELA 1
Distribuição da produção por categoria

<i>Categorias</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Relato de pesquisa	17	60,7
Revisão teórica	09	32,1
Validação de instrumento	02	7,1

n=28

Com relação à população alvo dos relatos de pesquisa, verifica-se uma maior concentração em profis-

sionais da saúde, seguida pela categoria de professores. Já na categoria revisão teórica, professores são os mais estudados (Tabela 2).

TABELA 2
Distribuição da categoria relato de pesquisa segundo população estudada

<i>Categorias</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Relato de pesquisa:		
Profissionais da área da saúde	07	25,0
Professores	05	17,9
Estudantes	02	7,1
Bombeiros	01	3,6
Policiais	01	3,6
Servidores públicos	01	3,6
Revisão teórica:		
Professores	04	14,3
Profissionais da área da saúde	02	7,1
Geral	02	7,1
Psicólogos	01	3,6
Validação de instrumentos:		
Professores	02	7,1

n=28

A maioria das publicações estão localizadas em revistas da área da psicologia e um menor percentual em áreas afins, conforme demonstrado na Tabela 3.

TABELA 3
Distribuição da produção segundo tipo de revista

<i>Tipo de revista</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Específica de psicologia:		
Psicologia em Estudo	3	10,7
Aletheia	3	10,7
Psicologia Argumento	2	7,1
Psicologia Reflexão e Crítica	2	7,1
Psicologia Escolar e Educacional	2	7,1
Estudos de Psicologia (Campinas)	1	3,6
Psicologia Ciência e Profissão	1	3,6
Revista da Soc. Bras. de Psicologia Hospitalar	1	3,6
Psico – USF	1	3,6
Psico – PUCRS	1	3,6
Estudos e Pesquisa em Psicologia	1	3,6
Psicologia Corporal	1	3,6
Encontro	1	3,6
Revista da Sociedade de Psicologia do RS	1	3,6
Áreas afins		
Revista Latino-americana de Enfermagem	2	7,1
Cadernos de Saúde Pública	1	3,6
Revista Brasileira de Saúde Materno-infantil	1	3,6
Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	1	3,6
Revista da Associação Médica Brasileira	1	3,6
Brazilian Journal of Medical and Biological Research	1	3,6

n=28

Com relação ao período de publicação, os resultados evidenciam a primeira publicação em 1999 e os anos de 2002 e 2005 como os de maior volume de trabalhos (Tabela 4)

TABELA 4
Distribuição da produção segundo ano de publicação

<i>Ano de publicação</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
2006	05	17,9
2005	07	25,0
2004	04	14,3
2003	04	14,3
2002	07	25,0
1999	01	3,6

n=28

DISCUSSÃO

A compreensão do estado de conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos. Ordenação esta que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas; a identificação de duplicações ou contradições; e, a determinação de lacunas e vieses (Soares, in Ferreira, 2002).

A partir dos dados obtidos verifica-se ainda ser incipiente a produção científica sobre a SB no Brasil, tanto em quantidade como nos resultados já obtidos. Esse resultado corrobora a afirmação de Benevides-Pereira (2003). Das publicações identificadas, percebe-se a tendência inicial das pesquisas internacionais de estudos com categorias pertencentes à área da saúde e educação. Hoje, sabe-se já ser mais ampla a compreensão do fenômeno. Na década de 90, Maslach e Leiter (1997) alertaram que a SB não tem mais se restringido a profissões ligadas à saúde e à educação. Burnout, a partir de então, passava a ser considerado um fenômeno que afetava praticamente todas as profissões, tendo em vista que quase todas possuem algum tipo de contato interpessoal. Este pode ocorrer na forma de atendimento de clientes, consumidores, colegas e também supervisores. Segundo os autores, é importante considerar também que a modalidade de trabalho atual, em grupo e equipes, também tem exigido contatos mais frequentes e intensos. Assim, hoje percebe-se que, pela própria natureza e funcionalidade do cargo, há profissões de risco e de alto risco, sendo poucas as não suscetíveis a ocorrência de Burnout. A comunidade científica internacional já desenvolve estudos com advogados, juizes, auditores, vendedores, religiosos, executivos, atletas, músicos, taxistas, den-

tre outras (Babakus, Cravens, Johnston e Moncrief, 1999; Dahlqvist, 2006; Fender, 1989; Kallbers e Fogarty, 2005; Pines e Aronson, 1988; Randall, 2007).

Cabe, no entanto, destacar uma tendência, mesmo que em poucos artigos, de abertura, na medida em que foram localizados estudos com policiais, bombeiros e estudantes.

Predominam os relatos de pesquisa, na busca de identificação de fatores de risco. Os estudos descritivos e correlacionais entre Burnout e variáveis, principalmente sociodemográficas, se repetem em quase todos os países (Elvira e Cabreira, 2004; Hernández, Olmedo e Ibáñez, 2004). Essa questão é importante no contexto brasileiro, uma vez que ainda não estão consolidados os resultados sobre as variáveis que se relacionam a SB. No entanto, é preciso avançar. Esse outro momento, sem abandonar o anterior, deve incluir novas variáveis e delineamentos.

Com relação às variáveis, os autores sugerem a inclusão de fatores de desempenho, rotatividade e absenteísmo e variáveis de comprometimento de saúde, ou seja, variáveis que não são auto-informadas e que podem estabelecer outro tipo de resultado baseado em evidências organizacionais.

Uma vez criadas as condições de pesquisa, há uma diversidade de variáveis que levaria o conhecimento sobre Burnout para um outro patamar.

Já há consenso entre a maioria dos investigadores na comunidade científica internacional, com relação à definição, avaliação e modelo teórico de Burnout, conforme o proposto por Maslach e Jackson (1981). Nesse sentido, utilizar uma linguagem comum possibilita uma melhor delimitação conceitual sobre o objeto de estudo e uma qualificação nos delineamentos metodológicos, permitindo a comparação de resultados e estudos transculturais, sendo essa questão também abordada por Schaufeli, Maslach e Marek (1993). Não foram identificados estudos longitudinais e experimentais, resultando em um outro ponto a ser considerado para o aprofundamento da evolução e causas de Burnout em nosso contexto.

Outro ponto de destaque identificado nos artigos é com relação às amostras, geralmente não probabilísticas, o que dificulta a generalização dos resultados. Schaufeli, Maslach e Marek (1993) não descartam a importância desses resultados, mas enfatizam suas limitações. Essa questão precisa de atenção especial, para que se possa pensar ações de prevenção e intervenção em saúde do trabalhador de forma mais ampla. Estudos epidemiológicos devem estar na pauta das investigações de Burnout. De acordo com Pereira (1999), a epidemiologia social tem procurado investigar o processo saúde-doença como produto resultante dos diferentes modos de vida das pessoas em socieda-

de. O autor destaca a importância de estudos que focalizam a influência dos fatores comportamentais na etiologia dos danos à saúde, o que inclui as pesquisas sobre estresse e estilos de vida em contextos específicos. O trabalho pode ser fonte de adoecimento quando contém fatores de risco para a saúde e o trabalhador não dispõe de instrumental suficiente para se proteger destes riscos (Murta e Tróccoli, 2004).

Também se apresenta de forma embrionária a questão da validação do instrumento (MBI) para uso no Brasil. Foram localizados dois estudos que avaliam suas propriedades psicométricas com resultados que apontam para a adequação de seu uso. No entanto, não há, ainda, uma padronização (pontos de corte) para a população brasileira, o que permitiria classificar a síndrome em níveis (baixo, médio, alto), de acordo com a versão original americana (Maslach e Jackson, 1981, 1986). Essa classificação é necessária para estudos de prevalência da síndrome, considerando a advertência de Gil-Monte (2005) acerca de seu caráter epidemiológico na atualidade. Shaufeli, Malasch e Marek (1993) enfatizam a importância desse tipo de estudos para um mapeamento maior da síndrome e possibilidades de intervenção.

Burnout é um fenômeno psicossocial e vem sendo publicado, na maioria dos casos, em periódicos da área da psicologia. No entanto, verificam-se estudos também em revistas de áreas afins. Esse resultado demonstra uma ampliação do interesse em outros campos de conhecimento como a saúde coletiva, que se volta, cada vez mais, para os aspectos psicossociais envolvidos no processo saúde-doença. Hoje, é evidente a constatação de que o trabalho, sob determinadas condições, provoca desgaste e adoecimento (Jacques e Codo, 2002).

Quanto à distribuição das publicações por ano, percebe-se certa irregularidade, demonstrando ser necessário maior investimento e estabilidade dos pesquisadores e grupos que se dedicam ao estudo da síndrome.

É importante destacar que esse estudo não retrata o universo de pesquisas realizadas, pois se sabe de vários trabalhos que tem sido realizados e apresentados em congressos ou mesmo publicações em revistas não indexadas. Trata-se aqui de um panorama das publicações em bases de amplo acesso, portanto, estudos que podem ser identificados para elaboração de novos estudos com outros delineamentos e comparação de resultados. Optou-se somente por publicações em periódicos e não livros ou dissertações, devido à equiparação de critérios, em termos rigor científico e metodológico, exigidos pelos periódicos que pertencem a essas bases de dados.

Conhecer o já construído é mais que um desafio, é uma necessidade para o preenchimento de lacunas na

consolidação de um conhecimento que, cada vez mais, se faz presente em termos de repercussões psicossociais no campo do trabalho. A SB, como fenômeno, tem sido observável nas manifestações de trabalhadores através dos tempos. Atualmente, seu incremento em função das mudanças tecnológicas ou de organização do trabalho tem se evidenciado. Isso também em função de que os estudos na área, de alguma forma, trazem à tona possibilidade de reflexão sobre a existência de um fenômeno conceitualizado e mensurável. No entanto, o até agora produzido ainda parece incipiente e deve servir como base em direção a um conhecimento sólido e equilibrado cujo objetivo é retornar para a sociedade seus resultados apontando ações preventivas e curativas.

Os resultados desse estudo revelam a necessidade de construção de uma agenda de pesquisa sobre Burnout, conferindo maior relevância ao tema, já que este é um campo pouco explorado em termos de investigações e, mesmo assim, já se apresenta como de importante repercussão social. Embora a SB já seja contemplada pelo Ministério da Saúde, sua dimensão e caracterização específica é pouco conhecida, especialmente em uma sociedade onde as relações de trabalho são pautadas pela necessidade de sobrevivência. Embora ambos, empresários e trabalhadores pudessem beneficiar-se de ações que prevenissem ou tratassem o problema, parece que essa área da vida é pouco pensada, e as dificuldades que emergem do trabalho são naturalizadas como se fossem parte inerente das atividades de produção.

O parco conhecimento dos profissionais da saúde diretamente envolvidos com a temática, medicina e psicologia, também dificulta seu diagnóstico e possibilidades de intervenção em nível local e global. Somente o avanço da ciência nesse campo, que envolve mais que a manifestação de uma doença ocupacional, refletindo-se em um contexto mais amplo, de relações de trabalho, saúde e produção, pode conferir a credibilidade para que se possa, em um futuro próximo, influir sobre as políticas públicas de trabalho no plano nacional.

REFERÊNCIAS

- Babakus, E., Cravens, D. W., Johnston, M., & Moncrief, W. C. (1999). The role of emotional in sales force attitude and behavior relationship. *Journal of Academy of Marketing Science*, 27, 1, 58-70.
- Benevides-Pereira, A. M. T. (2002). Burnout: O processo de adoecer pelo trabalho. In A. M. T. Benevides-Pereira (Org.). *Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador* (pp. 21-92). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Benevides-Pereira, A.M.T. (2003). O Estado da Arte do Burnout no Brasil. *Revista Eletrônica InterAção Psy*, 1, 1, 4-11.

- Cherniss C. (1980). *Professional burnout in human service organizations*. New York: Praeger.
- Clemente-Díaz, M. (1992). *Métodos y técnicas de investigación*. Madrid: Eudema.
- Cordes C. L., & Dougherty, T. W., & Blum, M. (1997). Patterns of burnout among managers and professionals: a comparison of models. *Journal of Organizational Behavior*, 18, 665-701.
- Dahlqvist, R. (2006). *Min framtidis dag är ljus och lång – Musiker och musiklärare berättar om utbrändhet*. Disponível em <http://theses.lub.lu.se/archive/2007/02/28/1172673632-22214-325/> Acessado em: 02.02.07.
- Delgado, A. C., Fuentes, J. M. B., Quevedo, M. P. A., Salgado, A. R., Sánchez, A. C., Sanchez, T. S., Velasco, C. A., & Yela, J. R. B. (1993). Revisión teórica del burnout o desgaste profesional en trabajadores de la docencia. *Caesura*, 2, 47-65.
- Elvira, J. A. M., & Cabrera, J. H. (2004). Estrés y burnout en profesores. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 4, 3, 597-621.
- Farber, B. A. (1983). Dysfunctional aspects of the psychotherapeutic role. In B. Farber (Org.). *Stress and burnout in the human service professions* (pp. 1-22). New York: Pergamon Press.
- Farber, B. A. (1991). *Crisis in education. Stress and burnout in the american teacher*. São Francisco: Jossey-Bass Inc.
- Fender, L. K. (1989). Athlete Burnout: potential for research and intervention strategies. *The Sport Psychologist*, 3, 1, 63-71.
- França, H. H. (1987). A Síndrome de Burnout. *Revista Brasileira de Medicina*, 44, 8, 197-199.
- Freudenberger, H. J. (1974). Staff burnout. *Journal of Social Issues*, 30, 159-165.
- Freudenberger, H. J., & Richenson, G. (1980). *Burn out: How to beat the high cost of success*. New York: Bantam Books.
- Ferreira, N. S. de A. (2002). As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. *Educação & Sociedade*, 79, 257-272.
- Gil-Monte, P. R. (2005). *El síndrome de quemarse por el trabajo (burnout). Una enfermedad laboral en la sociedad del bienestar*. Madrid: Pirâmide.
- Hernández, Z.G.L., Olmedo, C. E., & Ibáñez, I. (2004). Estar quemado (Burnout) y su relación con el afrontamiento. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 4, 2, 323-336.
- Jacques, M. G. & Codo, W. (2002). *Saúde mental e trabalho: leituras*. Petrópolis: Vozes.
- Kallbers, L. P., & Fogarty, T. J. (2005). Antecedents to Internal Auditor Burnout. *Journal of managerial Issues*, 17, 1, 101-118.
- Leiter, M. P., & Maslach, C. (1988). The impact of interpersonal environment on burnout and organizational commitment. *Journal of Organizational Behavior*, 9, 297-308.
- Maslach, C. (1978). *Job burnout: How people cope*. *Public Welfare*, 8, 56-58.
- Maslach, C., & Goldberg, J. (1998). Prevention of burnout: News perspectives. *Applied & Preventive Psychology*, 7, 63-74.
- Maslach, C., & Jackson, S. E. (1981). The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 2, 99-113.
- Maslach, C., & Leiter, M. P. (1997). *The truth about burnout: How organization cause, personal stress and what to do about it*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Maslach, C., Schaufeli, W. B., & Leiter, M. P. (2001). *Job burnout*. *Annual Review Psychology*, 52, 397-422.
- Maslach, C., & Schaufeli, W. B. (1993). Historical and conceptual development of burnout. In W.B.Schaufeli, C. Maslach & T. Marek (Orgs.), *Professional burnout: Recent developments in theory and research* (pp.1-16). New York: Taylor & Francis.
- Maslach, C., & Schaufeli, W. B. (1993). The future of Burnout. In W.B.Schaufeli, C., Maslach & T. Marek (Orgs.), *Professional burnout: Recent developments in theory and research* (pp.253-259). New York: Taylor & Francis.
- Ministério da Saúde (1999). Portaria nº 1.339/GM, de 18 de novembro de 1999: dispõe sobre lista de doenças relacionadas ao trabalho. *Diário Oficial da União*, Brasília.
- Murta, S. G., & Tróccoli, B. T. (2004). Avaliação de intervenção em estresse ocupacional. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 20, 1, 39-47.
- Ortega, R.C., & López, R. F. (2004). El burnout o síndrome de estar quemado en los profesionales sanitarios: revisión y perspectivas. *Journal of Clinical and Health Psychology*, 4, 1, 137-160.
- Pereira, M.G. (1999). *Epidemiologia – Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Perlman, B., & Hartman A. E. (1982). Burnout: Summary and future research. *Human Relations*, 35, 4, 283-305.
- Pines, A., & Aronson, E. (1988). *Career burnout: Causes and cures*. New York: Free Press
- Randall, J. (2007). Examining the relationship between burnout and age among Anglican clergy in England and Wales. *Mental Health, Religion & Culture*, 10, 1, 39-46.

Recebido em: 12/09/2007. Aceito em: 30/05/2008.

Autoras:

Mary Sandra Carlotto – Psicóloga, Mestre em Saúde Coletiva (ULBRA-RS), Doutora em Psicologia Social (USC/ES), Professora e Pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia do Curso de Psicologia, ULBRA/Canoas.

Sheila Gonçalves Câmara – Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade e Doutora em Psicologia (PUCRS), Professora e Pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia do Curso de Psicologia, ULBRA/Canoas.

Endereço para correspondência:

MARY SANDRA CARLOTTO
Av. Mauá, 645, apto. 504 – Centro
CEP 93110-320, São Leopoldo, RS, Brasil
E-mail: mscarlotto@gmail.com